

ANÁLISE HISTÓRICA E PAISAGÍSTICA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS E A EVOLUÇÃO DOS JARDINS

MARSCHALL, Camila¹
CARDOSO, Sandra Magda Mattei²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a evolução dos jardins através de análises paisagísticas, arquitetônicas, sociais, histórico-culturais e econômicas, desde os tempos mais remotos, na pré-história até a contemporaneidade. Inicialmente os jardins tinham a função principal de fornecer o sustento para o ser humano, mas também já possuíam alguma função decorativa. Com o passar do tempo, a sua ornamentação tornou-se símbolo de luxo e poder e, por isso, passaram a ser muito utilizados em palácios e templos, formando uma composição maior com a utilização de outros elementos, como a água, por exemplo. Os jardins podem ser compostos de hortas, árvores, flores, plantas arbustivas e aquáticas, pátios e canteiros, e através de sua evolução essa composição foi sendo aprimorada, e outras estruturas foram inseridas, como fontes de água e estátuas, além da arte da topiaria. Com a criação de vilarejos e posteriormente de cidades surgiu a necessidade da criação de um espaço que trouxesse conforto e lazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Por isso, iniciou-se a inserção de praças e parques urbanos como elementos de representação da natureza e um local de refúgio. Nos dias atuais, esses espaços rodeados de árvores estão se tornando cada vez mais utilizados, colaborando com a diminuição da poluição visual e sonora, fornecendo alimentos para animais através das árvores frutíferas, melhorando o clima da cidade e também purificando o ar.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução dos jardins. Espaços verdes. Praças. Parques urbanos.

HISTORICAL AND LANDSCAPE ANALYSIS ON THE CHARACTERISTICS AND EVOLUTION OF THE GARDENS

ABSTRACT

The present work aimed to present the evolution of gardens through landscape, architectural, social, historical/cultural and economic analyzes, from the earliest times in pre-history up to contemporaneity. Initially, gardens had the function of providing sustenance for humans, but they also had some decorative function. Over time, its ornamentation became a symbol of luxury and power, and for that reason they became much used in palaces and temples, molding a greater composition with the use of other elements, such as water, for example. Gardens can be composed of trees, flowers, shrubs and aquatic plants, backyards, flowerbeds and kitchen gardens, and through its evolution this composition has been improved, and other structures have been inserted, such as water fountains and statues, as well as the art of topiary. With the creation of villages and cities, there has been a necessity to create a space that would bring comfort and leisure to improve people's quality of life. That is why the insertion of squares and urban parks began as elements of nature representation and a place of refuge. Nowadays, these spaces surrounded by trees are becoming increasingly used, collaborating with the reduction of visual and noise pollution, providing animal feed in virtue of the fruit trees, improving the climate of the city and also purifying the air.

KEYWORDS: Evolution of gardens. Green spaces. Squares. Urban parks.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado do trabalho³ de conclusão de curso elaborado em 2017, teve a finalidade de realizar, por meio de pesquisas e estudos, um resgate histórico dos jardins, abrangendo

¹Arquiteta e Urbanista. E-mail: camila.marschall@hotmail.com

²Arquiteta e Urbanista, Mestre. E-mail: sandramatteic@hotmail.com

³Trabalho desenvolvido na disciplina Trabalho de Curso: Defesa no ano de 2017.2, no curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Assis Gurgacz.

os primeiros resquícios de sua existência nas antigas civilizações até os dias atuais, relatando sua importância para os povos.

O tema trata de um estudo histórico sobre as características e a evolução dos jardins antigos e modernos até a contemporaneidade, demonstrando a necessidade de transformação em relação à mudança de vida do ser humano nas grandes cidades, levando em consideração a relação entre homem e natureza, com enfoque nas primeiras grandes civilizações existentes, onde os jardins possuem vestígios da evolução do ser humano, comprovando assim sua identidade.

O problema motivador da pesquisa é formulado pela seguinte questão: De que maneira se deu a evolução dos jardins em relação à cultura e à formação da paisagem urbana? Parte-se da hipótese inicial de que a paisagem está em constante transformação sendo formada através da história da humanidade e os jardins, em conjunto com o desenvolvimento urbano, têm a função de proporcionar lazer e bem-estar aliados à qualidade de vida. Assim, pode ser feita a distinção de cada época e dos valores de cada sociedade, sendo a paisagem uma representação da realidade. O paisagismo faz parte do convívio humano, tendo a função de arranjar encontros entre pessoas na vida cotidiana urbana. A vegetação nas grandes cidades auxilia no conforto térmico e acústico, proporcionando ambientes mais agradáveis e saudáveis.

O objetivo geral deste trabalho resume-se em analisar a evolução dos jardins levando em consideração a cultura do ser humano e sua adaptação com o passar dos anos, da formação dos centros urbanos e sua necessidade de abrigar áreas verdes para amenizar os problemas ambientais que causa. Os objetivos específicos baseiam-se em: i) fazer levantamentos bibliográficos referentes ao tema/ assunto; ii) determinar períodos da História da Arquitetura e do Paisagismo com relevância para este estudo; iii) analisar a evolução dos jardins e parques urbanos através do embasamento teórico apresentado; iv) abordar relações formais, histórico-culturais e econômicas na evolução dos espaços verdes urbanos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

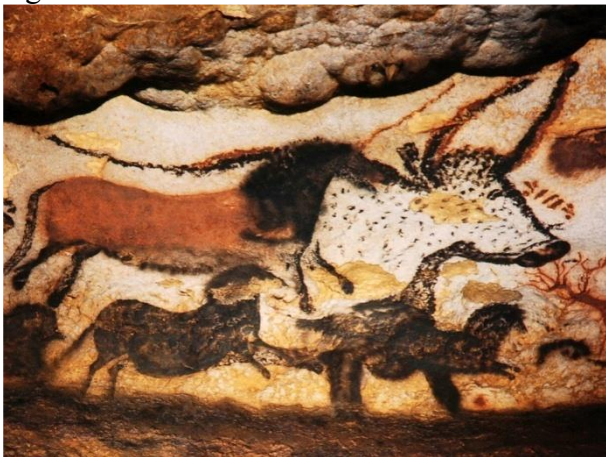
Neste estudo, serão abordados os períodos históricos do paisagismo, fundamentados através de revisões bibliográficas sua evolução e as mudanças que ocorreram na paisagem de cada época, sendo elas formais, histórico-culturais e econômicas. A pesquisa visa analisar a relação do ser humano com a natureza tendo como resultado sua transformação constante, e demonstrando como o conceito de jardim evoluiu através dos desejos das civilizações em representar a condição social na qual se encontravam, assim como seu apreço pela estética e também pelos seus costumes em geral.

Segundo Stringheta e Coelho (2014), através da evolução histórica dos jardins percebe-se que a população representa seus sentimentos na natureza em busca de suprir suas necessidades tanto diretas, com a produção de alimentos para sustento próprio, quanto indiretas, com o intuito de representar um local ideal e perfeito.

2.1 PRÉ-HISTÓRIA

De acordo com Mazoyer e Roudart (2017), desde as ocupações mais primitivas, a paisagem natural já vinha sendo modificada. O homem primitivo tirava seu sustento da natureza, alimentando-se através da caça, de raízes, da pescaria e de frutos, e conforme o tempo passava havia o esgotamento desses recursos, sendo obrigado a migrar para outra região. Com o processo natural de alterações climáticas, a paisagem foi se modificando, alguns animais foram desaparecendo e assim foi surgindo a fauna, como é conhecida hoje. Devido às necessidades, o homem começa a domesticar animais, plantar e estocar alimentos, e começa a conviver em grupo. Surgem, assim, as primeiras aldeias, o homem deixa de ser nômade e passando a ser sedentário. Nos dias atuais, alguns registros dessa época ainda podem ser encontrados, e os mais bem conservados estão na caverna de Lascaux, no sul da França (figura 01).

Figura 01- Desenho no interior da caverna de Lascaux



Fonte: digitalmediacenter.weebly (2017)

Já havia também nessa época uma manifestação religiosa que se baseava nos elementos naturais como o fogo, o vento, as chuvas, as tempestades, os raios, trovões e também os astros. Quando o homem conhece a técnica da fundição, a agricultura se desenvolve, assim como as técnicas de irrigação e drenagem e, por isso, as aldeias passam a se assentar próximas a rios, tendo grande desenvolvimento e dando espaço para o que se transformou em centros urbanos. A Pré-História acaba

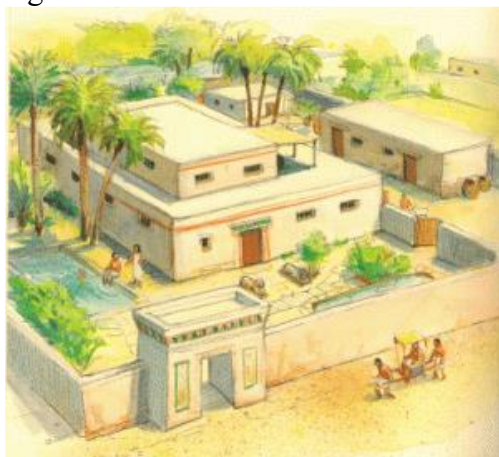
e dá espaço para a Antiguidade no momento em que surge a escrita no Egito e na Mesopotâmia (STRINGHETA; COELHO, 2014).

2.2 ANTIGUIDADE

Pode-se considerar o Egito, a Mesopotâmia e a Pérsia como as mais antigas civilizações de que se tem conhecimento, com os primeiros jardins já existentes. O que antes era apenas uma forma de agricultura para subsistência própria, agora passa a ser algo maior, auxiliando no conforto térmico, gerando espaços de lazer e criando verdadeiras obras de arte. As civilizações desse período viviam em ambientes desérticos, com condições naturais desfavoráveis, mas isso não foi empecilho para a criação de seus jardins, que se tornaram verdadeiras obras de arte, mantidos através de canais de irrigação conectados aos rios (INSERRA, 2016).

No Egito, os jardins eram parte da composição das residências mais luxuosas da época sendo locais destinados ao descanso e aos passeios, ali também eram feitas refeições com vista para um ambiente agradável e com temperatura amena, gerada pelo lago que se encontrava na área central e pela plantação de sicômoros que o rodeava (LIRA FILHO, 2012). A figura 02 é a representação de como eram os jardins egípcios dentro de uma vila com casas nobres.

Figura 02- Desenho de uma vila com casas nobres



Fonte: antigoegito.org (2017)

Na Mesopotâmia, os maiores exemplos de jardins foram os Jardins Suspensos da Babilônia (figura 03).

Nos quais os tijolos eram utilizados para a construção dos terraços sobrepostos nos zigurates⁴, que se apoiavam em grandes colunas de 25 até 100 metros de altura, interligados por escadarias conectando os pavimentos.

Esses terraços formavam patamares e neles eram plantadas diversas espécies arbóreas e outras plantas menores (STRINGHETA; COELHO, 2014).

Figura 03- Representação dos Jardins Suspensos da Babilônia



Fonte: Thinglink (2017)

Os persas, apesar de não terem criado monumentos e jardins originais, tiveram grande importância e sucesso no mundo antigo. Isso ocorreu pelo fato de esse povo ter dominado diferentes civilizações e, conseqüentemente, herdado suas características.

Entre essas influências, podem ser encontrados traçados dos jardins mesopotâmios, egípcios e gregos, que garantiram esse sucesso. Os persas proibindo a expressão cultural dos povos conquistados, mas sim se aproveitaram disso, adotando tecnologias de engenharia e arte dos dominados (STRINGHETA; COELHO, 2014).

Segundo Murta (2011), os jardins persas apresentavam um estilo que se pode chamar de misto, tentando recriar uma imagem universal. Abrigavam árvores, arbustos e flores muito perfumadas, além de animais soltos que viviam em bosques, canais, monumentos e canteiros. Juntos formavam os “jardins-paraísos”, localizados próximos aos palácios reais. Anteriormente a esse momento, as plantas e a vegetação não tinham função mais importante do que sua funcionalidade.

Já os persas estimavam muito as flores e seu agradável odor, sendo completada a ideia de paraíso pelos animais e vegetais. A figura 04 apresenta a visão que se tem de como era o jardim persa.

⁴ O zigurate era uma espécie de templo construído pelos assírios, babilônios e sumérios, povos da Antiga Mesopotâmia

Figura 04- Ilustração de um jardim persa



Fonte: teoriadoespacourbano.wordpress (2017)

As civilizações desse período localizadas no Extremo Oriente, conhecidas por China e Japão, possuíam jardins com composições paisagísticas diferenciadas, que exercem funções culturais e simbólicas através de seus elementos e sua liberdade formal, com curvas que seguem o desnível do terreno, sendo assim uma representação clara da natureza. Os jardins da cidade de Suzhou, na China, apresentados na figura 05, são um exemplo desse estilo de jardim (SCALISE, 2010).

Figura 05- Jardim da cidade de Suzhou, China



Fonte: thousandwonders.net (2017).

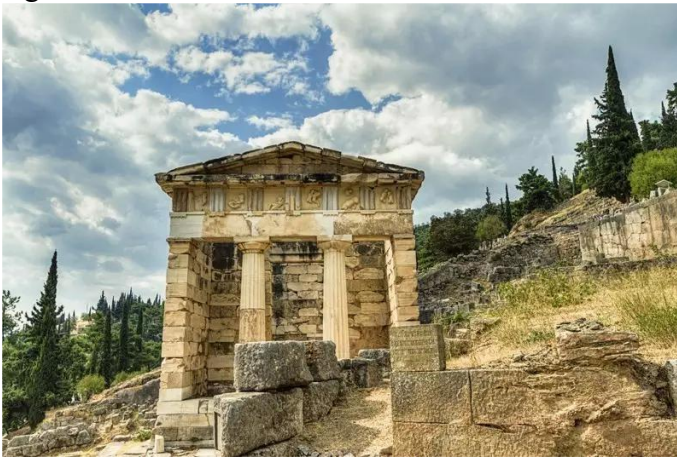
O estilo de jardim chinês exerceu grande influência sobre o estilo japonês, com significados espirituais, religiosos e culturais e nesse contexto cada elemento possui seu próprio e único significado. Alguns elementos utilizados para representar a espiritualidade eram as lamparinas, as pedras e as pontes sobre riachos (LOBODA e DE ANGELIS, 2005).

2.3 ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A Antiguidade Clássica foi composta pela Grécia e pela Roma. Os jardins gregos eram considerados locais sagrados, com vegetação nativa e sem interferência humana. O cultivo era de plantas utilitárias como legumes, frutas, grãos e algumas espécies de flores. Apesar do predomínio do pensamento racional, sempre buscavam representar a natureza nas formas dos jardins (MATTIUZ, S/D).

As cidades gregas localizavam-se em regiões mais elevadas e eram sempre cercadas por muros, sendo estas estratégias de defesa e responsáveis pela proteção do local. O gosto desse povo pelos jardins surgiu quando buscavam novos territórios e, assim, conseguiram assimilar o paisagismo em sua cultura. Construídos em locais com maiores declives e inclinações, apresentavam características mais naturais (figura 06). Na civilização grega encontraram-se os primeiros indícios de surgimento dos vasos com flores anuais, que tinham a função de conceder oferendas ao deus Adônis (SCALISE, 2010).

Figura 06- Tesouro de Atenas, Delfos



Fonte: read01 (2017)

O estilo romano sofreu influências gregas, porém utilizava estátuas e monumentos, com jardins ordenados que serviam para valorizar a arquitetura.

Os muros eram revestidos com trepadeiras e também pintados com elementos que se utilizava no paisagismo (MATTIUZ, S/D). Como exemplo de jardim romano tem-se na figura 07 os jardins da Villa d'Este em Tivoli.

Figura 07- Jardins da Villa d'Este – Tivoli



Fonte: aroundrometours (2017)

Com o fim da Antiguidade Clássica, a Europa ocidental passou por um longo período de obscuridade, ao contrário do que aconteceu no Oriente. Apesar disso, a tradição desses jardins não desapareceu rapidamente, continuou presente durante muito tempo, onde a topiaria continuou sendo utilizada. Com o tempo, apesar da persistência dos jardins da antiguidade clássica, a arte foi sofrendo transformações, se caracterizando às configurações medievais (PAIVA, 2010).

2.4 IDADE MÉDIA

Enquanto o Império Romano se desagrega através das invasões bárbaras, instala-se na Europa uma involução no mundo cultural e consequentemente uma perda das manifestações artísticas. Por isso, se destaca outro tipo de jardinagem na Idade Média, com jardins construídos em áreas internas e constituídos principalmente de plantas frutíferas e aromáticas (LOBODA e DE ANGELIS, 2005).

As construções desse período passaram a ser pesadas e rudimentares, semelhantes a fortalezas. Até mesmo as igrejas, que eram os locais principais de atividade social, onde qualquer espaço útil existente era destinado a algum uso, como por exemplo, a aquisição de alimentos e ervas, passaram a esse processo de construção. (MURTA, 2011).

A característica principal dos jardins medievais era então sua extrema simplicidade, e só depois que a arquitetura continuou a se desenvolver é que os jardins ganharam maior notabilidade, onde os muros e suas pequenas ruas que cercam as cidades começaram conduzir a um caminho, com espaços mais livres, que podiam ser chamados de praças, mas ainda sem vegetação (LIRA FILHO, 2012).

Esses jardins eram geralmente cercados por trepadeiras e outras espécies arbustivas e em seu interior os caminhos eram dispostos em ângulos retos que se encontrando entre si, resultavam em

formato de cruz cristã (figura 08). Existem relatos também da construção de labirintos nos jardins dos castelos, assim como a arte de dobrar ramos para formar alamedas⁵ (MATTIUZ, S/D).

Figura 08- Colégio Saint -Salvi, Albi, França - Jardim do Claustro



Fonte: myopenweek (2017)

O período de transição entre a Idade Média e Idade Moderna foi responsável por uma mudança na estrutura de suas praças e jardins públicos. Na era medieval, os espaços populares podiam ser considerados como locais de festa, de espontaneidade e liberdade, o que foi mudando conforme a era moderna se aproximava, dando espaço para a disciplina e a ordem. O que se vê a partir desse momento no espaço urbano são elementos arquitetonicamente pensados e as classes sociais mais privilegiadas passam a se expandir (SEGAWA, 1996).

2.5 IDADE MODERNA

A Idade Moderna, segundo historiadores, é compreendida entre os períodos de 1453 a 1789, iniciando-se com a conquista de Constantinopla e perdurando até a Revolução Francesa. Foi uma fase que antecedeu a Idade Contemporânea e sucedeu a Idade Média e por isso, foi marcada pelos acontecimentos anteriores, responsáveis pelo desenvolvimento desse período.

Dentre os principais acontecimentos da época têm-se o Renascimento, as grandes navegações, a reforma religiosa, o absolutismo, o iluminismo e o início da revolução francesa (PINTO, 2017).

O Renascimento foi um período da história em que ocorreram diversas transformações em todos os âmbitos: sociais, religiosos, econômicas e culturais. É o momento no qual passa a existir a concepção do “Eu”, do homem como centro de universo, ou seja, uma nova consciência acerca de seu corpo, trabalho e relação com o outro. Assim, passa a existir uma grande renovação do

⁵ Rua ou caminho constituído por árvores plantadas em fileiras (MICHAELIS, S/D).

pensamento do homem em relação ao seu papel no mundo, provocando mudanças que impactaram a era moderna. O jardim era criado então com o intuito de representar o ego dos homens nesse período, sua mania de grandeza e o seu poder sobre a natureza, sendo representado por plantas que demonstravam a superioridade e o controle sobre o ambiente, como por exemplo as topiarias. (COSTA, 2016). Os jardins da Villa Lante são um modelo de jardim renascentista – figura 09.

Figura 09 – Jardins da Villa Lante, Bagnaia, Itália



Fonte: romeartlover.it (2017)

A vida das pessoas nessa época pôde ser considerada o despertar da criatividade, pois as mais abastadas tornaram-se muito mais requintadas do que antes, possuindo maior tempo livre para o lazer e gracejos e, assim, aproveitando os jardins formais como lugares de entretenimento. A diversão se dava através de chafarizes nos jardins, que tinham a capacidade de encharcar as pessoas com jatos d'água que surgiam do piso e de bancos através de sistemas hidráulicos planejados minuciosamente. Já, ao contrário das pessoas que podiam usufruir disso tudo, aqueles que não tinham tal riqueza continuavam vivendo na extrema miséria (WATERMAN, 2010).

2.6.IDADE CONTEMPORÂNEA

Entre os séculos XIX e XX houve um momento de transição na história da evolução das praças, sendo que a antiga praça passou a ser equipada, ajardinada, pavimentada e tratada com meticulosidade, abrigando todos os novos tipos de vida urbana que passam a ser estruturados. A partir do século XX, especialmente entre os anos de 1950 e 1960, houve muitas transformações culturais, econômicas e sociais em alta velocidade gerando novos significados às praças. Assim, esses espaços foram reestruturados e designados para a população com novos conceitos e funções. Leveza das

formas, espécies coloridas deixando o espaço mais natural, integrando-se com a natureza (SILVA, 2009).

O processo de urbanização passou a crescer em ritmo acelerado e consequentemente aumentaram as desigualdades entre pessoas ricas e pobres, assim como a superlotação e poluição das cidades. Porém, em contrapartida surgiram também ações com o intuito de oferecer refúgios para a população, com a criação de parques públicos. Um exemplo disso é o Central Park de Nova Iorque – figura 10 (WATERMAN, 2010).

Figura 10 – Central Park em Nova Iorque nos dias atuais



Fonte: archdaily(2021)

Nos dias atuais, as ruas arborizadas, as praças públicas, os jardins e as árvores são responsáveis pela qualidade de vida nas áreas urbanas, formando um conjunto importante. As plantas trazem grande benefício para as pessoas, tanto físico quanto mental e, por isso, os bairros mais caros encontrados nas cidades costumam ser os que mais possuem árvores, jardins e parques bem cuidados. A valorização de áreas verdes em zonas urbanas não foi um fator herdado das antigas civilizações, seu reconhecimento só passou a existir recentemente, quando foram descobertos seus benefícios e qualidades (SALATINO, 2001).

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada deu-se através do levantamento de pesquisas bibliográficas, teses, dissertações, artigos e periódicos. Além disso, foram apresentados estudos de caso de parques e praças urbanas para enfatizar a interpretação do contexto em que foram inseridos.

Fonseca (2002) diz que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referência e teoria já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e

páginas da web. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

O método histórico foi outra forma utilizada, responsável por compreender a descrição de uma situação do passado através de paradigmas políticos, culturais, econômicos, sociais, psicológicos, entre outros. Assim é feita a investigação de fatos ocorridos no passado para que seja possível sua verificação e sua influência na sociedade contemporânea (FACHIN, 2006).

Outra técnica utilizada foi o estudo de caso que se refere ao levantamento realizado com maior profundidade de um determinado grupo humano sob todos os seus aspectos. De acordo com a metodologia de Ludke e André (1986), são características fundamentais desse método: i) visar à descoberta; ii) enfatizar a interpretação do contexto; iii) retratar a realidade de forma ampla; iv) valer-se de fontes diversas de informações; v) permitir substituições; vi) representar diferentes pontos de vista em dada situação; vii) usar linguagem simples.

Feita a análise que, de acordo com Marconi e Lakatos (2002), significa estudar, decompor, interpretar, dividir e dissecar um texto, processando o conhecimento de determinada realidade e implicando em um exame sistemático de elementos. Com a intenção de analisar e relacionar os diferentes períodos e entender suas diferenças através de relações formais, histórico-culturais e econômicas das civilizações existentes, foram utilizados os seguintes procedimentos:

- i) Os conceitos a serem analisados foram retirados da revisão bibliográfica apresentada na pesquisa;
- ii) Definiu-se que a análise conta com quatro aspectos, elaborados e divididos na tabela, sendo estes: formal, histórico-cultural e econômico, direcionados de acordo com cada civilização existente;
- iii) Por fim, para cada parâmetro, deu-se a análise com base na bibliografia e nas referências históricas.

Foi utilizada também a tabulação, metodologia que dispõe os dados em tabelas com finalidade de verificar a relação entre eles. Isso permite a sintetização dos dados coletados e sua representação gráfica, podendo ser eficazmente interpretados e compreendidos (MARCONI; LAKATOS, 2002).

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em conformidade com a metodologia citada no item 3, foi analisado as relações formais, histórico-culturais e econômicas das civilizações existentes e relacionado suas características de acordo com cada período através de tabelas.

Figura 11 – Análise dos períodos da Pré-História nos aspectos formal, histórico/cultural e econômico

PRÉ-HISTÓRIA Antes de 3.500 a.C.	PALEOLÍTICO 500.000 a.C. – 10.000 a.C.	MESOLÍTICO 10.000 a.C. – 5.000 a.C.	NEOLÍTICO 5.000 a.C. – 3.500 a.C.
FORMAL	Homem utilizava paredes das cavernas para realizar seus registros	Criação de materiais de ossos e de madeira facilitando sua expansão territorial	Criação dos primeiros sistemas de cultivo, vegetação representada em cerâmicas e inscrições
HISTÓRICO-CULTURAL	Começam a existir as primeiras manifestações religiosas onde o paraíso já era representado.	Criação de materiais de ossos e de madeira facilitando sua expansão territorial	Início de uma vida em sociedade, surgem as primeiras aldeias. O paraíso já era representado através dos jardins
ECONÔMICO	Economia recolectora: o homem primitivo colhia para sua própria subsistência o que a natureza lhe proporcionava	Economia recolectora: o homem primitivo colhia para sua própria subsistência o que a natureza lhe proporcionava	Natureza começa a ser dominada pelo homem, criação de animais e plantas para própria subsistência

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Figura 12 - Análise dos períodos da Antiguidade nos aspectos formal, histórico-cultural e econômico

ANTIGUIDADE 3.500 a.C. – 490 a.C.	EGITO 3.200 a.C. – 715 a.C.	MESOPOTÂMIA 3.500 a.C. – 539 a.C.	PÉRSIA 550 a.C. 490 a.C.	CHINA 2.000 a.C.	JAPÃO Séc. XV ao XVI
FORMAL	Jardins com geometria rigorosa construídos em locais planos	Vegetação disposta de maneira simétrica, utilizada para o próprio sustento e para ornamentação	Traçado dos jardins egípcios e mesopotâmios, porém com mais	Representação da natureza através de curvas suaves. Aproveitamento do desnível do terreno	Criação de paisagens naturais em espaços fechados com elementos simbólicos
HISTÓRICO/CULTURAL	Plantas consideradas sagradas, utilizadas em celebrações de rituais como forma de representar o poder	Plantações consideradas sagradas, plantadas perto à santuários onde estavam os deuses da fecundidade como uma forma de representação de poder	Dominação de diferentes civilizações. O imperador era um deus, por isso era adorado	Povo religioso e individualista. Religiosidade era representada através de elementos físicos nos	Intenção de voltar a atenção para o que é essencial, as plantas são muito valorizadas
ECONÔMICO	Economia sustentada pela produção agrícola obtida às margens dos rios, com auxílio dos sistemas de irrigação	Economia sustentada pela produção agrícola obtida às margens dos rios, com auxílio dos sistemas de irrigação	Agricultura, comércio e artesanato	Economia sustentada pela agricultura	Economia sustentada pela agricultura, pela pesca e pelo comércio

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Figura 13 – Análise das civilizações da Antiguidade Clássica nos aspectos formal, histórico-cultural e econômico

ANTIGUIDADE CLÁSSICA 700 a.C. – 300 d.C.	GRÉCIA 500 a.C. – 300 a.C.	ROMA 27 a.C. – 476 d.C.
FORMAL	Jardins apresentam características mais naturais, sendo adaptados na paisagem e ajustados em locais com poucos recursos	Jardins eram sistemáticos e arranjados, sendo uma composição da arquitetura
HISTÓRICO/ CULTURAL	Necessidade de satisfação do corpo e do espírito	Povo conquistador
ECONÔMICO	Economia de subsistência e autoconsumo, estudos sobre a Teoria do Dinheiro	Agricultura e comércio marítimo de produtos de subsistência, exóticos ou de luxo

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Figura 14 – Análise da Idade Média nos aspectos formal, histórico-cultural e econômico

IDADE MÉDIA 500 d.C. – 1.500 d.C.	JARDINS MEDIEVAIS - EUROPA OCIDENTAL 500 d.C. – 1.500 d.C.
FORMAL	Jardins simples com caminhos dispostos em ângulos retos, encontrando-se entre si em formato de cruz cristã.
HISTÓRICO/ CULTURAL	Superstição e religiosidade, onde as facções rivais e as autoridades arrefeciam o progresso e a liberdade de expressão.
ECONÔMICO	Economia baseada na agricultura, com trocas de produtos e mercadorias. Já existiam moedas, mas eram pouco utilizadas.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Figura 15 – Análise da Idade Moderna nos aspectos formal, histórico-cultural e econômico

IDADE MODERNA 1.453 d.C. – 1789 d.C.	RENASCIMENTO Séc. XV – Séc. XVI	JARDINS HOLANDESES Séc. XVII – Séc. XVIII
FORMAL	Formas geométricas e monumentais: fontes, estátuas, terraços, escadarias, água.	Topografia plana, maior cultivo de plantas bulbosas e coloridas como a Tulipa.
HISTÓRICO/ CULTURAL	Novas concepções de ideia, intenções mais imperialistas e conquistadoras. Humanismo.	Influência da Itália e da França
ECONÔMICO	Comércio de plantas, expansão européia.	Comércio marítimo

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Figura 16 – Análise da Idade Contemporânea nos aspectos formal, histórico-cultural e econômico

IDADE CONTEMPORÂNEA Séc. XX – dias atuais	JARDINS MODERNISTAS Séc. XX	JARDINS MODERNISTAS NO BRASIL 1922 - 1945
FORMAL	Pureza e funcionalidade das formas. Jardins com estrutura formal rígida.	Espécies coloridas deixando o espaço mais natural, integrando-se com a natureza.
HISTÓRICO/ CULTURAL	Ruptura com o passado, tentativa de se livrar das referências históricas deixando a ornamentação para trás.	Equipados, ajardinada, pavimentado e tratado com meticulosidade, abrigando todos os novos tipos de vida urbana que passam a ser estruturados.
ECONÔMICO	Comércio de plantas, expansão europeia	Arte e literatura

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Observa-se que inicialmente as espécies vegetais não tinham grande valor como têm hoje. A vegetação, que antes existia em grande quantidade, foi muito devastada, haja vista a mudança nos hábitos da população, além das brigas e guerras por territórios. Tudo isso colaborou para que os jardins fossem se extinguindo. Segundo Scalise (2010) após a Revolução Industrial, essa situação foi tornando-se cada vez pior, as indústrias tomaram conta da paisagem, restando apenas o concreto e a fumaça, e a visão que se tinha dos espaços passa a ser de poluição e sujeira. A partir desse momento, as pessoas começam a conscientizar-se e passam a buscar locais que trazem a sensação de conforto e de bem-estar e, assim, começa a grande valorização dos espaços verdes, onde são inseridos elementos como praças e parques e nesses locais a população se encontra para conversas e momentos de alegria.

Assim, pode-se dizer que a história é responsável por auxiliar no entendimento das questões contemporâneas tendo como base referências, principalmente se for apreendida como uma estrutura que permite discutir o passado para a compreensão do presente, e assim analisar as possibilidades futuras de atuação (SCALISE, 2010).

A paisagem é vista como um reflexo dos sistemas climáticos, naturais e sociais, interagindo entre si. Ao longo da história, as necessidades vão se transformando e com isso a paisagem muda também. A pesquisa tratou de todos esses aspectos e o capítulo final é responsável por analisar todos os elementos paisagísticos e suas características em áreas urbanas, demonstrando a importância de analisar o passado para a compreensão dos acontecimentos no presente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou uma linha de evolução dos jardins levando em consideração a cultura do ser humano e sua adaptação com o passar dos anos, ainda relacionou historicamente toda a evolução paisagística, desde os tempos mais remotos quando o homem utilizava os jardins e as plantas apenas

para sustento próprio, nas épocas onde os espaços ajardinados representavam poder e riqueza, até os dias atuais, onde as praças e parques verdes sucedem os jardins, sendo locais de refúgio para pessoas e animais.

Assim pode ser feita a distinção de cada época e dos valores de cada sociedade, sendo a paisagem uma representação da realidade. O paisagismo faz parte do convívio humano, tendo a função de arranjar encontros entre pessoas na vida cotidiana urbana. A vegetação nas grandes cidades auxilia no conforto térmico e acústico, proporcionando ambientes mais agradáveis e saudáveis.

Com a metodologia proposta, é feita a análise dos resultados para responder o problema de pesquisa, tendo por base os referenciais teóricos utilizados. Assim, a hipótese inicial é considerada verdadeira, sendo possível confirmar a transformação dos jardins através da evolução da paisagem e da história da humanidade, sofrendo mudanças constantes de acordo com cada época.

Nos dias atuais, as ruas arborizadas, as praças públicas, os jardins e as árvores são responsáveis pela qualidade de vida nas áreas urbanas, formando um conjunto importante. As plantas trazem grande benefício para as pessoas, tanto físico quanto mental e, por isso, os bairros mais caros encontrados nas cidades costumam ser os que mais possuem árvores, jardins e parques bem cuidados. A valorização de áreas verdes em zonas urbanas não foi um fator herdado das antigas civilizações, seu reconhecimento só passou a existir recentemente, quando foram descobertos seus benefícios e qualidades (SALATINO, 2001).

Hoje, o ritmo de vida das pessoas está muito acelerado e elas estão se prendendo cada vez mais dentro de suas residências, com medo de ficar na rua por falta de segurança. Por isso, o paisagismo vem com a função de trazer a natureza para mais perto, onde crianças e adultos possam usufruir de jardins e áreas verdes, aumentando a qualidade de vida e gerando um equilíbrio nas cidades (ABBUD, 2006).

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. 3ª edição, São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2006.

COSTA, Mariana Márcia Rezende da. **O movimento renascentista: a Arquitetura e o Paisagismo**. Belo Horizonte: Instituto de Artes e Projetos – INAP, 2016.

FAG. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. 4. ed. Cascavel: FAG Faculdade Assis Gurgacz, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5ª edição [rev.] – São Paulo: Saraiva, 2006. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/74302802/FACHIN-Odiliafundamentos-de-Metodologia.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

INSERRA, Flávio. **A história dos jardins**. Arquitetura cenográfica de ideias - 2016, [S/L]. Disponível em: <http://cenaset.com.br/a-historia-dos-jardins/>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012.

LOBODA, C.B. e DE ANGELIS, B. L. D. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*, V.1, Nº 1 – Guarapuava, 2005. Disponível em: <http://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/157/185>. Acesso em 15 de maio de 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativa**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª edição – São Paulo: Atlas, 2002.

MATTIUZ, Cláudia Fabrino Machado. **Disciplina de floricultura e paisagismo**. [S/L] (S/D). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1880778/mod_resource/content/1/Texto%20Alunos%20Evolutivo%20A7a%20Paisagismo-1.pdf. Acesso em 19 de agosto de 2017.

MURTA, Paula Correia. **Paisagismo: aproximação do homem com a natureza**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k216520.pdf. Acesso em 16 de maio de 2017.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producao textual/lovois-deandrade-miguel-1/mazoyer-m-roudart-1-historia-das-agriculturas-no-mundo-doneolitico-a-crise-contemporanea-brasilia-nead-mda-sao-paulo-editora-unesp-2010-568-p-il>. Acesso em Agosto de 2017.

PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira. **Paisagismo I – histórico, definições e caracterizações**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2004. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT13022014153207.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2017.

PINTO, Tales dos Santos. **O que é Idade Moderna?** Brasil Escola, [S/L], 2017. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-moderna.htm>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

SALATINO, Antonio. **Nós e as plantas: ontem e hoje**. *Revista Brasil*, V. 24; nº 4. São Paulo, 2001.

SCALISE, Walnyce de Oliveira. **Apostila de Paisagismo: História e Teoria I**. UNIMAR – Universidade de Marília, Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Tecnologia. Marília, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/paisagismo-historia-e-teoria/526461/>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SILVA, Alessandra Teixeira. **A praça e sua função social**. Lavras, 2009. Disponível em: <http://www.lavras24horas.com.br/portal/a-praca-e-sua-funcao-social/>. Acesso em 25 de agosto de 2017.

STRINGHETA, Ângela Cristina Oliveira; COELHO, Livia Lopes. **Plantas ornamentais e paisagismo: a história da arte dos jardins**. Viçosa, MG : Ed. UFV, 2014.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.